

Literaturas africanas comparadas e Oceano Índico. Contrapontos críticos para uma reflexão em torno do romance histórico no Índico africano

Comparative African Literatures and Indian Ocean. Critical Counterpoints to a Reflection about the Historical Novel in the African Indian Ocean

Elena Brugioni



Editora

Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra

Edição electrónica

URL: <http://eces.revues.org/2102>

DOI: 10.4000/eces.2102

ISSN: 1647-0737

Refêrencia eletrónica

Elena Brugioni, « Literaturas africanas comparadas e Oceano Índico. Contrapontos críticos para uma reflexão em torno do romance histórico no Índico africano », *e-cadernos ces* [Online], 26 | 2016, colocado online no dia 15 Dezembro 2016, consultado a 03 Maio 2017. URL : <http://eces.revues.org/2102> ; DOI : 10.4000/eces.2102



ELENA BRUGIONI

LITERATURAS AFRICANAS COMPARADAS E OCEANO ÍNDICO. CONTRAPONTO CRÍTICOS PARA UMA REFLEXÃO EM TORNO DO ROMANCE HISTÓRICO NO ÍNDICO AFRICANO

Resumo: A partir dos debates que marcam a reflexão crítica – pós-moderna e pós-colonial – em torno do romance histórico, pretende-se esboçar um itinerário de reflexão pautado por uma abordagem comparativa transnacional das Literaturas Africanas, propondo uma (re)definição da escrita da história através da categoria conceitual do romance indiciário no espaço/tempo do Índico africano.

Palavras-chave: literaturas africanas comparadas, Índico africano, Oceano Índico, romance histórico, romance indiciário.

COMPARATIVE AFRICAN LITERATURES AND INDIAN OCEAN. CRITICAL COUNTERPOINTS TO A REFLECTION ABOUT THE HISTORICAL NOVEL IN THE AFRICAN INDIAN OCEAN

Abstract: Addressing the critical debate on the genre of historical novel within postmodern and postcolonial studies, this article aims at proposing a critical itinerary based on a comparative and transnational approach to African literatures and thus promoting a (re)definition of the writing of history, throughout the conceptual category of the “evidential novel” within the space-time of the African Indian Ocean.

Keywords: African Indian Ocean, comparative African literatures, historical novel, Indian Ocean, indiciary novel.

A historical study centred on a stretch of water has all the charms but undoubtedly all the dangers of a new departure.

Fernand Braudel (1972: 19)

A relação entre História e Literatura convoca algumas das categorias teóricas mais complexas da crítica humanística, apontando para a relação entre discurso historiográfico, representação, narração e nação que pauta o debate da chamada pós-modernidade, cujos desdobramentos numa perspetiva epistemológica e conceptual de matriz pós-colonial se configuram como lugares críticos matriciais em vista de uma problematização do género do romance histórico em literaturas e representações literárias que se situam fora do que vem habitual e problemáticamente definido como cânone ocidental e que neste ensaio se pretende – ainda que brevemente – analisar. Tendo em conta a produção crítica que marca a reflexão em torno do romance histórico nos contextos europeus e, mais em geral, ocidentais, surge a necessidade de interrogar – ainda que parcialmente – alguns dos quadros teóricos e conceptuais que este género literário subentende, procurando esboçar uma hipótese em torno da operacionalidade desta categoria no que diz respeito à escrita da história nas Literaturas Africanas contemporâneas. Para além disso, dentro da reflexão sobre literaturas africanas comparadas que tenho vindo a desenvolver,¹ configura-se um conjunto de imperativos epistemológicos entre os quais se destaca a necessidade de repensar espaços, tempos e relações no que vem sendo definido como contemporaneidade pós-colonial, sugerindo a ocorrência de paradigmas críticos e epistemológicos alternativos para uma leitura “situada” (Hall, 1990) e “mundana” (Said, 2004) das práticas e das linguagens de representação na contemporaneidade global. O apelo a histórias, sujeitos e lugares heterogêneos que as mesmas representações literárias parecem conter e invocar obriga, deste modo, a uma redefinição matricial de abordagens, questões e problemas que pautam as escritas literárias africanas contemporâneas, apontando, simultaneamente, para uma (re)configuração da prática humanística como gesto crítico capaz de ler e situar representações e narrativas que apontam para dimensões espaciais e estéticas que provincianizam a centralidade do cânone crítico e estético ocidental.

No que concerne às escritas literárias que se colocam fora de uma dimensão espacial e cultural habitualmente definida como europeia e/ou ocidental, a ocorrência

¹ Projeto de pós-doutoramento desenvolvido no Centro de Estudos Humanísticos da Universidade do Minho (CEHUM) e financiado pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia (SFRH/BPD/62885/2009), do qual resultará o livro, atualmente em preparação: Lendo as literaturas africanas contemporâneas. Paradigmas críticos e representações em contraponto.

de cartografias críticas alternativas parece contribuir para uma perspetivação inédita das práticas de representação dentro de uma dimensão contextual mais alargada, proporcionando o surgir de epistemologias e leituras que determinam um alargamento significativo da crítica humanística e, logo, do seu campo semântico e operacional. No que diz respeito à receção crítica de autores e textos habitualmente situados nas chamadas Literaturas Africanas, o recurso a categorias de análise alternativas proporciona a ocorrência de cartografias críticas e contrapontos diversificados e inéditos, sugerindo, ao mesmo tempo, outros itinerários de leitura e aparatos epistemológicos que visam, em primeiro lugar, corresponder às solicitações propostas pelos mesmos textos literários. Deste modo, por via de abordagens que se movem de paradigmas operacionais e disciplinares diversificados, surgem diálogos e contrapontos entre escritas e autores – geralmente cartografados a partir da sua identidade linguística e/ou nacional –, apontando para comparativismos que, antes de mais, correspondem a gestos críticos irremediavelmente ligados às formas de ver e imaginar o mundo (Said, 1993) e que se tornam um passo crucial para renovar as potencialidades críticas dos estudos comparados (Spivak, 2003), bem como da própria crítica humanística (Said, 2004).

Em primeiro lugar, a necessidade de redefinir as práticas de sistematização e logo as leituras que marcam teórica e conceptualmente os estudos literários e culturais – as narrativas escritas e visuais² – em e sobre África é sugerida pela necessidade de desconstruir aquilo que Manuela Ribeiro Sanches define como “lusofonia da disciplina” (2007) e desafiando, deste modo, a operacionalidade do paradigma linguístico para ler e situar as representações africanas contemporâneas.

Para além disso, um comparativismo interno ao continente, e que obedece deste modo a um conjunto de relações transnacionais de matriz regional, contribui de forma decisiva para devolver um peso continental às representações literárias africanas, consolidando e, por conseguinte, problematizando o mesmo “paradigma nacional” através das quais estas literaturas são hoje estudadas. Analisar a “nação e os seus fragmentos” (Chatterjee, 1993) no que concerne as nações literárias contribui para operacionalizar aquilo que Françoise Lionnet define como “transnacionalismos menores” (Lionnet e Shih, 2005), promovendo uma (re)definição das categorias de nação, pós-nação, transcolonialidade e transnacionalidade, cujo enquadramento teórico merece aqui ser sinteticamente abordado.

² Neste ensaio, abordam-se apenas narrativas literárias, ressaltando, todavia, a importância de uma abordagem pautada por um contraponto entre literatura e narrativas visuais – nomeadamente artes plásticas e fotografia documental – em vista de uma reflexão em torno daquilo que pode ser definido como Estética do Oceano Índico. A este propósito, veja-se Brugioni (2015).

De acordo com o que afirmam Françoise Lionnet e Shu-mei Shih, a ênfase crítica necessita ser posta nos movimentos transversais e minoritários da cultura que são legíveis numa perspetiva distinta daquela que encara os processos de identificação pós-nacional numa dimensão de flexibilidade e nomadismo que caracteriza, por exemplo, algumas das teorizações habitualmente definidas como pós-coloniais (Lionnet e Shih, 2005: 8-9). Neste sentido, torna-se óbvio um posicionamento que reequaciona a relação entre o nacional e o global, situando as perspetivas transnacional e minoritária no âmbito das reflexões produzidas por teóricos como Edouard Glissant, Samir Amin e Jean-Luop Amselle. A este propósito, afirmam Lionnet e Shih:

Therefore, the transnational is our language to designate this originary multiplicity or creolization, which foregrounds the formative experience of minorities within and beyond nation-states. Nation-states are alive as mechanism of control and domination even when transnational corporations are supposed to have dissolved their boundaries. [...] If we posit, after Glissant, Amin and Amselle that creolization and mixture are the a priori conditions of culture, we can further evince minor expressivity as even more necessarily mixed and transnational. By virtue of their marginality within the nation-state and by their experience of migration and various forms of (neo)colonialism they had to fall upon cultural resources outside the dominant ones (including those promoted by transnational corporations) that pretend to singularity and authenticity. (Lionnet e Shih, 2005: 9)

Por outro lado, os transnacionalismos menores contribuem para redefinir a mesma noção de pós-colonialidade, propondo um discurso crítico que desmonta o cariz hegemónico do pós-colonial como abordagem que privilegia uma perspetivação vertical entre objetos e representações que se situam numa mesma perspetiva nacional ou linguística, e transcurando as experiências transcoloniais e transnacionais que estas, por outro lado, parecem conter.

Ora, no que concerne o paradigma do Oceano Índico, a categoria de transnacionalismo menor torna-se particularmente produtiva em diversos âmbitos de análise, proporcionando, no que diz respeito à reflexão em torno do romance histórico, um conjunto de solicitações de grande interesse teórico em vista de uma reflexão que pretende definir paradigmas comparativos transnacionais para ler e situar as escritas da história nas literaturas africanas contemporâneas.

Em primeiro lugar, numa perspetiva disciplinar específica, os Estudos do Índico apontam para uma dimensão de transnacionalidade minoritária, uma vez que são postos em diálogo com a vertente hegemónica que caracteriza outras categorias de

análise – nomeadamente a do Atlântico – (Pearson, 2010), evidenciando um conjunto de especificidades que se tornam evidentes pensando na relação entre escrita literária, H/história e memória em romances que se posicionam a nível conceitual e espacial no que Edward Alpers (2009) define como “o Índico Africano”.

Em segundo lugar, a dimensão transnacional e sobretudo minoritária mostra-se um paradigma crítico particularmente útil sobretudo numa perspetiva micrológica, isto é, observando estas escritas da história em contraponto com o que vem sendo definido como nação literária, onde a relação entre representação e história é regida por narrativas que põem em causa um discurso hegemónico e homogéneo sobre a nação, chamando a atenção para uma dinâmica relacional que corresponde àquilo que Deleuze e Guattari (1996) definem como “literatura menor”. A articulação epistemológica desta perspetiva crítica torna-se particularmente relevante uma vez que é pensada a partir da chamada “situação colonial” (Balandier, 1951) onde a História – como grande narrativa – é pautada por uma relação emblemática com a “biblioteca colonial” (Mudimbe, 1988) e, simultaneamente, com as “histórias menores” e os “passados subalternos” (Chakrabarty, 2000), apontando para um processo de escrita do tempo narrado e vivido que convoca algumas das constelações teóricas que se situam numa intersecção crítica entre pós-colonial e pós-moderno, oferecendo a possibilidade de (re)situar a categoria do romance histórico numa dimensão espacial específica tal como aquela do Oceano Índico. Ao mesmo tempo, a partir dos pressupostos disciplinares dos estudos africanos e, logo, articulando as obras de autores do Índico Africano com a literatura nacional em que estas se inscrevem, o Índico torna-se então um paradigma transnacional menor capaz de (re)definir os significados da nação, reequacionando as relações trans- e pós-coloniais contidas e apontadas por estas escritas, e, sobretudo, reconfigurando a relação entre local e global no que concerne às práticas de representação e, logo, de produção de conhecimento:

“Minor transnationalism” is perhaps the modes in which the traumas of colonial, imperial and global hegemonies as well as the affective dimensions of transcolonial solidarities continue to work themselves out and produce new possibilities. Beyond the nostalgic and melancholic, these solidarities point to ways of becoming more engaged with present and future promises of transformation through active participation in the production of local knowledge and global cultures. (Lionnet e Shih, 2005: 21)

Ora, esta perspetiva crítica e conceptual do transnacional proporciona uma articulação significativa entre o espaço e o tempo, história e nação, apontando para

uma configuração específica que caracteriza a escrita literária na pós-colonialidade; neste sentido, tal como afirma Peter Hitchcock, “a escrita pós-colonial deve lutar continuamente para de-escrever [de-cribe] o espaço como o outro do colonialismo” (2010: 9) e, por conseguinte, a configuração do tempo e da história transformam-se, deste modo, num aparato estético para a produção do espaço (ibidem: 10).

Ora, no âmbito desta reflexão crítica sinteticamente esboçada, torna-se necessário aprofundar algumas questões de matriz teórica, procurando esclarecer, ainda que sinteticamente, a relação entre representação e história, e convocando algumas das problematizações críticas que caracterizam as reflexões pós-modernas e pós-coloniais, procurando, deste modo, (re)situar os paradigmas críticos que podem contribuir para uma definição do romance histórico no espaço tempo do Oceano Índico.

History... is a nightmare from which I am trying
to awake.

James Joyce, *Ulysses* (1961: 34)

Procurando desenvolver uma reflexão situada em torno da relação entre história e representação em contextos habitual e problematicamente definidos como pós-coloniais, torna-se necessário abordar alguns dos conceitos subjacentes e apontados pela própria categoria literária do romance histórico, procurando, deste modo, ilustrar as articulações conceptuais e os paradigmas críticos que pautam esta problematização no âmbito das Humanidades, e assim refletir em torno da fisionomia estética e do significado político e conceptual do passado nas representações literárias contemporâneas, com particular enfoque em textos e representações inscritos nas chamadas Literaturas pós-coloniais.³

Surge então a necessidade de convocar conceitos e paradigmas críticos como: História e narração, metaficção historiográfica, ficção e realidade, memória e testemunho, objetividade e experiência, procurando esboçar um itinerário de reflexão onde a articulação entre pós-moderno e pós-colonial se torna, a meu ver, particularmente produtiva em vista da problematização crítica que se pretende

³ Ressalva-se a aproximação apontada por esta definição que, após o seu auge, na década de 1990, constitui agora uma categoria de indubitável ambiguidade conceitual, tal como o debate no seio dos Estudos literários pós-coloniais tem vindo a demonstrar. Na impossibilidade de ilustrar os diferentes posicionamentos críticos que pautam esta reflexão, merece contudo salientar, tal como afirma George Balandier, que “pós-colonial designa uma situação que é de facto a de todos nós contemporâneos. Estamos todos, de forma diferente, numa situação pós-colonial” (Balandier, 2007: 24).

desenvolver neste artigo, abrindo para uma reflexão teórica que procura evidenciar a complexidade e a heterogeneidade dos aparatos teóricos que informam a receção crítica das Literaturas Africanas e, logo, o campo semântico e operacional de uma abordagem comparada no âmbito crítico dos estudos literários africanos.

Na impossibilidade de abranger, de forma aprofundada, as várias problematizações e os diversos posicionamentos que caracterizam o debate crítico relativamente à (im)possível articulação entre pós-moderno e pós-colonial (Appiah, 1991; Bhabha, 1994), um ainda que breve esboço destas diferentes conceptualizações críticas e seus desdobramentos epistemológicos permite evidenciar a centralidade da relação entre H/história e representação, dando conta da complexidade que caracteriza estes posicionamentos críticos e, logo, os aparatos interpretativos que surgem para a leitura das escritas que, por norma, são definidas dentro das poéticas pós-modernas e pós-coloniais, colocando em foco, para este efeito, algumas das questões conceptuais que marcaram o debate no seio da crítica humanística e que informam e configuram também os aparatos conceptuais e interpretativos dos estudos literários africanos.

A meu ver, um ponto de partida significativo para problematizar a relação entre narração e história, procurando articular paradigmas e constelações conceptuais que correspondem às conceptualizações pós-modernas e pós-coloniais, pode ser encontrado considerando a noção de história como grande narrativa e, logo, interrogando esta conceptualização no âmbito crítico da chamada pós-colonialidade em que as escritas literárias africanas são, em rigor, inscritas. Na perspetivação crítica formulada por Jean-François Lyotard (1984) é na pós-modernidade que se consagra o fim das grandes narrativas que dariam, então, lugar a microrrelatos, localizados e não totalizantes, capazes de ilustrar a heterogeneidade das diferentes realidades sociais, políticas e culturais do mundo contemporâneo. Por outras palavras, a problematização proposta por Lyotard configura a pós-modernidade como a crise das práticas de representação e da sua função legitimadora, apontando para um conjunto de solicitações centrais no que concerne ao binómio História e Cultura, sobretudo no que diz respeito à relação entre o Ocidente e o “Outro”.⁴ Convocando um conjunto de posicionamentos críticos que se debruçam em torno da relação entre história (ocidental) e alteridade (Young, 1990) – isto é, citando Gayatri Spivak (1985), em a

⁴ A este propósito, tal como evidencia Robert Young, no seu ensaio *White Mythologies. Writing History and the West* (1990): “Postmodernism can best be understood as European culture’s awareness that it is no longer the unquestioned and dominant centre of the world. [...] Postmodernism, therefore, becomes a certain self-consciousness about a culture’s own historical relativity – which begins to explain why, as its critics complain, it also involves the loss of the sense of an absoluteness of any western account of History” (1990: 19).

Europa e os seus Outros –, trata-se, sobretudo, de um reposicionamento crucial no que concerne à História como prática de conhecimento que, na pós-modernidade, abre para uma tomada de consciência das suas limitações e, logo, da sua inevitável parcialidade. Surge, deste modo, dentro de uma reflexão crítica complexa que se desdobra nos âmbitos disciplinares da filosofia e da teoria da história, um questionamento teórico e epistemologicamente relevante que se prende com a dimensão discursiva do saber histórico, onde linguagem e alteridade sobressaem como paradigmas essenciais para repensar a relação entre história, representação e realidade, sobretudo em contextos que se colocam fora ou, melhor, à margem da grande narrativa histórica ocidental, configurando, deste modo, a visão historicista da história que marca o pensamento ocidental como uma das metanarrativas desconstruídas pela condição pós-moderna. Não se trata aqui de apontar para o “fim da história” (Fukuyama, 1993), mas, sim, de uma viragem conceptual e epistemológica que aponta para uma redução de escala e pela observação das modalidades discursivas que caracterizam a construção de um imaginário histórico que é edificado a partir da narração e da percepção do tempo, passado e presente. A chamada “grande história”, como narrativa totalizante, sem fim e, sobretudo, sem eu (Barthes, 1988: 41), dá lugar a uma constelação de outras histórias, “histórias menores” (Deleuze e Guattari, 1996) e subjetivas, que, parafraseando a reflexão desenvolvida por Reinhart Koselleck, “resgatam o presente histórico dos sobreviventes, de um passado puro, desprovido de vivência” (1996), consagrando a memória e a experiência como práticas matriciais e (re)fundadoras para pensar e escrever “o futuro do passado” (Wieviorka, 1998: 59).

Ora, a articulação crítica que se funda numa redução de escala por via da categoria da “história menor” pretende, em primeiro lugar, interrogar a relação entre a “grande história” e as “outras histórias”, inscrevendo nesta conceitualizações as relações de poder que se estabelecem entre sujeitos e contextos diferenciados, e apontando para aquilo que no âmbito da reflexão teórica pós-colonial de matriz marxista é definido como subalterno.

Do mesmo modo que “menor” em literatura implica “uma crítica das narrativas de identidade” e “recusa a obtenção da subjetividade autónoma que é o principal objetivo da literatura maior”, o “menor” no modo como utilizo a palavra serve analogamente para lançar a dúvida sobre o “maior”. Em meu entender, a palavra descreve as relações com o passado que a “racionalidade” dos métodos do historiador transforma necessariamente em “menor” ou “inferior”, em algo de “não racional” no decurso da sua própria operação e como resultado dela.

Contudo estas relações regressam, parece-me, como elemento implícito nas condições de possibilidade de historicizar. [...] Procur[o] mostrar como a capacidade (da pessoa moderna) de historicizar depende da sua aptidão para participar em relações não-modernas com o passado, relações essas que são transformadas em subordinadas no momento da historicização. A escrita da história pressupõe modos plurais de estar no mundo. (Chakrabarty, 2000: 215)

No seio do debate historiográfico pós-moderno, o surgir de uma perspetivação que aponta para uma redução de escala, destacando as dimensões micrológica e, sobretudo, discursiva como novos paradigmas historiográficos, caracteriza, por exemplo, a reflexão crítica produzida por Hayden White (1975) em que a relação entre narração e história é crucial e fundamentada na desconstrução das categorias historiográficas positivistas – a visão historicista da História –, pautadas pela oposição entre factos e narrativas, real e imaginado, e apontando, deste modo, para uma revisão paradigmática do aparato epistemológico da própria disciplina histórica. De acordo com esta perspetiva, a narração é encarada como uma prática matricial na edificação do discurso histórico, focando as modalidades linguísticas e retóricas – por exemplo, a metáfora – como elementos essenciais para uma compreensão do tempo, passado e presente e, logo, para a edificação de um imaginário histórico.⁵ As implicações críticas dos posicionamentos teóricos que caracterizam o “postmodern turn” dentro do debate historiográfico tornam-se particularmente relevantes e produtivas oferecendo a possibilidade de refletir em torno de alguns dos paradigmas críticos centrais que pautam a relação entre História e Literatura. É sobretudo a definição da História como prática estética e discursiva, indispensável para a edificação de um imaginário histórico, o elemento de partida para uma reflexão crítica que se debruça sobre as modalidades de (re)escrita da história numa dimensão situada como aquela das Literaturas Africanas, apontando para um itinerário crítico e conceptual que configura a representação literária como uma prática de produção de conhecimento, e estabelecendo, deste modo, um contraponto significativo entre História, literatura, memória e experiência no que vem sendo definido como pós-colonialidade.

No âmbito disciplinar da crítica literária e cultural, a categoria de “metanarrativa historiográfica” formulada, por exemplo, por Linda Hutcheon e tributária das reflexões propostas por Hayden White (1975), configura-se como um paradigma estético e crítico da pós-modernidade, não correspondendo a uma versão alternativa do romance

⁵ No âmbito da reflexão proposta por White, a própria História é encarada como uma narração, correspondendo mais a uma prática estética de que a uma epistemologia e consagrando aquilo que no âmbito da reflexão historiográfica é definido como “postmodern turn” (Groot, 2010: 111).

histórico, tal como este tinha sido teorizado, por exemplo, por György Lukács (1962),⁶ mas apontando para um conjunto de práticas artísticas, críticas e epistemológicas que refundam a relação entre Literatura e História, e proporcionando uma revisão crucial do mesmo género literário e dos seus significados no que concerne à relação entre ficção e realidade. Por outras palavras, trata-se de uma reflexão teórica pautada por uma mudança paradigmática que diz respeito ao significado conceitual e operacional da própria História, que, na ficção pós-moderna, se configura como um lugar estético indispensável para o surgir de práticas de reflexão, desconstrução e problematização que o texto literário contém e aponta.

Um primeiro aspeto referido por Hutcheon (1988) é o que se prende com a dimensão inevitavelmente ambígua – parcial – que caracteriza a relação entre realidade e factos históricos, encarando a linguagem e o discurso como dimensões matriciais para interrogar a relação entre factos reais e narração da história.⁷ Situando esta problematização numa dimensão contextual e disciplinar específica, tal como aquela em que se inscrevem as Literaturas Africanas, a relevância do aspeto salientado por Hutcheon (1988) torna-se particularmente emblemática considerando aquilo que George Balandier define como “situação colonial” (1951) a entender-se como dimensão cultural, social e política matricial para a inscrição discursiva ou narrativa dos factos que constituem o passado histórico, e colocando, deste modo, em foco o que Dipesh Chakrabarty (2000) define como “passados subalternos”. A este propósito, sobressai uma dimensão crítica que encara a metaficção historiográfica como prática de problematização do próprio conhecimento, “destabilizando as noções consagradas de história e ficção” (Groot, 2010: 120).

The interaction of the historiographic and the metafictional foregrounds the rejection of the claims of both ‘authentic’ representation and ‘inauthentic’ copy alike, and the very meaning of artistic originality is as forcefully challenged as is the transparency of historical referentiality. (Hutcheon, 1988: 110)

Desemboca desta problematização, a consciência de que história e realidade se configuram pela sua inevitável provisoriedade, destacando o carácter artificial, não sequencial e fragmentário – isto é, não articulado – da realidade que o discurso

⁶ Uma discussão da teorização desenvolvida por Lukács em torno da relação entre História, consciência de classe e romance histórico, à luz das leituras propostas por Edward W. Said (1993), representaria um aspeto importante a considerar e que não é possível desenvolver neste artigo por óbvias limitações de espaço.

⁷ A este propósito, afirma Hutcheon: “Historiographic metafiction self-consciously reminds us that, while events did occur in the real empirical past, we name and constitute those events as historical facts by selection and narrative positioning. And, even more basically, we only know of those past events through their discursive inscription, through their traces in the present” (1988: 97).

histórico pretende, em rigor, transmitir. Deste modo a fragmentariedade da metaficção historiográfica corresponde à própria fragmentariedade da História, encarando a realidade numa intersecção com o que vem sendo definido como experiência, e proporcionando deste modo um alargamento substancial das possibilidades e das relações que nela se inscrevem. A este propósito, tal como afirma Patricia Waugh:

Contemporary metafictional writing is both a response and a contribution to an even more thorough-going sense that reality or history are provisional; no longer a world of eternal verities but a series of constructions, artifices, impermanent structures. [...]

Metafictional deconstruction has not only provided novelists and their readers with a better understanding of the fundamental structures of narrative; it has also offered extremely accurate models for understanding the contemporary experience of the world as a construction, an artifice, a web of interdependent semiotic systems. (Waugh, 1984: 7-9)

No entanto, no que concerne a autores, textos e representações que, a partir da afirmação da reflexão crítica e epistemológica que responde à definição de Estudos Pós-coloniais, adquirem um relevo significativo em termos críticos e de instâncias de receção,⁸ a relação entre representação literária e metaficção historiográfica é pautada por uma reflexão crítica que se articula em torno de uma constelação conceptual específica, correspondendo ao que se irá afirmando como campo disciplinar da Teoria Pós-colonial. Por outras palavras, no âmbito da produção crítica pós-colonial, sobressai um conjunto de paradigmas específicos que marcam a leitura de escritas e representações que se colocam – cultural e politicamente – fora do cânone literário ocidental, destacando a articulação entre representação e nação como um dos aspetos centrais da reflexão pós-colonial, e encarando a escrita literária numa dimensão alegórica e diferencial que sugere um conjunto de problematizações relevantes no que concerne ao conteúdo cultural e histórico que as representações que se inscrevem nas chamadas Literaturas Africanas Eurófonas podem veicular e conter. Por outras palavras, o que poderá ser problematicamente definido como romance histórico pós-colonial parece encontrar o seu significado por via de um contraponto com o paradigma nacional, estabelecendo, deste modo, uma relação entre representação – literária – e representatividade – nacional – que proporciona, a

⁸ Refiro-me, no âmbito das Literaturas Africanas modernas e contemporâneas, a autores como Chinua Achebe, Wole Soyinka, Ahmadou Kourouma, Nadine Gordimer, Luandino Vieira, Mia Couto, J. M. Coetzee, entre muitos outros, cuja presença nos circuitos editoriais e nas instâncias críticas ocidentais é particularmente significativa.

meu ver, um conjunto de problemáticas complexas em torno do significado político de escritas e representações que convocam sujeitos, situações e contextos à margem do chamado cânone ocidental, e que, em rigor, são pautadas por uma mudança de perspectiva que relativiza ou, melhor, “provincializa” (Chakrabarty, 2000) a escrita da história como grande narrativa ocidental. A este propósito, tal como afirma Fredric Jameson:

All third-world texts are necessarily, I want to argue, allegorical, and in a very specific way: they are to be read as what I will call national allegories, even when, or perhaps I should say, particularly when their forms develop out of predominantly western machineries of representation, such as the novel. [...]. Third-world texts, even those which are seemingly private and invested with a properly libidinal dynamic – necessarily project a political dimension in the form of national allegory: the story of the private individual destiny is always an allegory of the embattled situation of the public third-world culture and society. (Jameson, 1986: 69; *itálico no original*)

O imperativo da alegoria, ou melhor, a relação aparentemente inevitável entre individual e coletivo, público e privado, representação e nação, na perspectiva de Jameson, surge implicitamente como elemento diferenciador entre escritas do Primeiro e do Terceiro Mundo, isto é pós-modernas e pós-coloniais. Aliás, a alegoria que caracteriza textos e representações literárias que se situam num espaço problemáticamente definido como Terceiro Mundo aponta para uma relação singular entre político e estético, configurando o texto não ocidental como lugar onde o privado alegoriza o público, o indivíduo agencia a nação, atribuindo, deste modo, ao texto literário um carácter comunitário que convoca um conjunto de problematizações seminais e complexas que se prendem com as instâncias de legitimação e receção de textos alheios ao cânone ocidental e, logo, aos paradigmas que configuram os aparatos teóricos que surgem na receção crítica destas escritas. Neste sentido, conceitos como representatividade e legitimidade, alteridade e diferença tornam-se centrais, convocando um conjunto de dinâmicas específicas que dizem respeito, em primeiro lugar, ao “campo literário e cultural” (Bourdieu, 1993) e convocando, simultaneamente, a relação entre realidade e representação, história e literatura, tempo e narração (literária) da nação. Deste modo, a articulação entre narração literária e paradigma nacional sugere uma intersecção crítica e conceptual entre paradigmas pós-modernos e pós-coloniais, apontando para um conjunto de categorias de análise que pautam o campo crítico das Literaturas Africanas. Refiro-me a

conceitos amplamente discutidos, quer no âmbito do debate pós-moderno, quer numa perspetiva teórica pós-colonial, tal como, por exemplo, o de realismo mágico. Aliás, a relação entre narração e nação passa da alegoria – tal como esta tinha sido equacionada por Fredric Jameson – à metonímia, desembocando em representações que, a partir do questionamento das modalidades literárias de matriz realista, problematizam a dimensão nacional por via de uma narração que desconstrói, subverte e desafia a nação como grande narrativa através de modalidades ficcionais que são pautadas por uma fisionomia estética que inviabiliza uma relação imediata entre ficção e realidade e sugerindo um conjunto de leituras conceituais e políticas que apontam para alguns dos paradigmas matriciais da teoria pós-colonial. Obras habitualmente inscritas na categoria do realismo mágico⁹ constituem representações matriciais no surgir de aquilo que Benita Parry define como “cânone pós-colonial” (2004), sugerindo uma problematização da crítica literária e cultural como instância de legitimação e apontando para processos de receção ambíguos no que concerne às representações literárias que contêm e apontam para aquilo que Homi Bhabha define como diferença cultural (1994). Em suma, a predileção da crítica pós-colonial para escritas e representações que apontam para configurações estéticas e narrativas que se afastam das modalidades, por assim dizer, realistas sugere uma proximidade ambígua entre objeto de estudo, aparatos críticos e instâncias de legitimação e receção, proporcionando o surgir daquilo que Graham Huggan define como “exótico pós-colonial” (2001), e sugerindo um conjunto de problemáticas críticas centrais no que concerne à equação entre uma hipotética identidade pós-colonial e representações literárias forçosamente articuladas a partir dos paradigmas críticos em torno dos quais a reflexão teórica pós-colonial mais se articula, tais como: hibridismo, diferença cultural e alteridade. Neste sentido, situa-se uma problemática ulterior que se prende com um possível imaginário cultural que a crítica pós-colonial como instância de legitimação (Spivak, 1991) privilegia e valida, encarando as modalidades de representação do maravilhoso e do fantástico como práticas culturais que explicitam uma identidade cultural outra – isto é, genuinamente pós-colonial – e, logo, estabelecendo critérios de valor e autenticidade que colocam problemáticas relevantes sobretudo tendo em conta a variedade que caracteriza as representações no que vem sendo problematicamente definido como literaturas pós-coloniais. Ora, prossequindo

⁹ Refiro-me, por exemplo, ao que se poderia – provocatoriamente – definir como cânone transnacional do realismo mágico onde a crítica pós-colonial desempenha a função de uma instância de legitimação significativa e problematizante, apontando para um conjunto de questões críticas que se prendem em primeiro lugar com a receção exógena de autores e textos das chamadas literaturas pós-coloniais e ressaltando dinâmicas e ambiguidade que configuram a categoria do realismo mágico como uma definição frequentemente questionada pelos próprios autores cujas obras são habitualmente inscritas nesta definição.

com a reflexão que se pretende aqui esboçar, a relação entre história, representação e nação aponta para uma reflexão em torno de uma das categorias mais consagradas no âmbito da reflexão crítica pós-colonial, tal como a de “comunidade imaginada” (Anderson, 1991), sugerindo um conjunto de problemáticas centrais no que diz respeito à relação entre história, narrativa e representação nas Literaturas Africanas contemporâneas que neste ensaio se pretende interrogar. A este propósito, surge a necessidade de problematizar a noção de tempo/temporalidade na sua relação com uma dimensão contextual e epistemológica que vem sendo definida como pós-colonial, procurando esclarecer o aparato conceptual subjacente à categoria de nação dentro da reflexão pós-colonial e contribuindo, deste modo, para (re)definir conceptual e epistemologicamente a noção de H/história em representações e narrativas que se situam fora do chamado cânone ocidental. No que concerne à reflexão fundadora no âmbito dos chamados Estudos Pós-coloniais – e que marca, por via de articulações mais ou menos pertinentes, o aparato crítico que surge no campo das Literaturas Africanas –, como é a de “comunidade imaginada” proposta por Benedict Anderson (1991), ressalta uma articulação entre tempo e nação que parece sugerir um conjunto de solicitações relevantes em vista da reflexão que aqui se pretende desenvolver.

If nation-states are widely conceived to be ‘new’ and ‘historical’, the nation to which they give political expression always loom out of an immemorial past, and still more important glide into a limitless future. (Anderson, 1991: 11-12)

Destacando a centralidade do discurso cultural para pensar a nação, a reflexão proposta por Anderson é pautada por uma relação entre temporalidade e imaginário nacional que se torna crucial, configurando o tempo e o seu significado como aspeto central na definição do discurso da nação – e seus desdobramentos políticos e culturais –, não apenas no espaço europeu, e encarando a “simultaneidade” como princípio de reorganização do tempo, passado, presente e futuro e, logo, como base de articulação da consciência nacional.¹⁰ O conceito de simultaneidade que Anderson utiliza, na sua teorização sobre a relação entre paradigma nacional e comunidade(s) imaginada(s) no âmbito da reflexão em torno da “Apreensão do tempo” (Anderson, 1991: 22-30) e noutras partes do seu ensaio – e que é tributária das teorizações sobre temporalidade e história que marcam o pensamento de Erich Auerbach e Walter Benjamin –, configura a categoria do tempo “como homogéneo e vazio”, encarando o

¹⁰ A este propósito afirma Anderson: “What has come to take the place of the mediaeval conception of simultaneity-along-time is, to borrow again from Benjamin, an idea of ‘homogeneous, empty time’, in which simultaneity is, as it were, transverse, cross-time, marked not by not prefiguring and fulfilment, but by temporal coincidence, and measured by clock and calendar” (Anderson, 1991: 24).

conceito de simultaneidade como um dos elementos centrais para imaginar a nação, onde a articulação num plano temporal simultâneo se realiza, segundo Anderson, em formas culturais específicas, tais como o romance realista e a imprensa (1991: 26).

The idea of a sociological organism moving calendrically through homogeneous, empty time is a precise analogue of the idea of the nation, which also is conceived as a solid community moving steadily down or up history. An American will never meet, or even know the names of more than a handful of his 240.000-odd fellow-Americans. He has no idea of what they are up to at any one time. But he has complete confidence in their steady, anonymous, simultaneous, activity. (Anderson, 1991: 26)

Tal como afirma Homi Bhabha na sua reflexão sobre tempo e nação onde a reflexão sobre a “comunidade imaginada” é seminal – “DissemiNation: Time Narrative and the Margins of the Modern Nation” (Bhabha, 1994) –, a reflexão proposta por Benedict Anderson fundamenta-se numa noção de “tempo intersticial” (Anderson, 1991) que se configura como uma forma de temporalidade que produz uma estrutura simbólica da nação como “comunidade imaginada”, obedecendo a um desenvolvimento similar ao que pauta o romance realista (Bhabha, 1994). A reflexão sobre o tempo da nação é articulada, deste modo, no plano da linguagem, apontando para a relação entre signo e processo de significação, e encontrando na separação entre linguagem e realidade o carácter mítico da sociedade exprimida pela nação (Bhabha, 1994). Nesta passagem, o “tempo intersticial” dá lugar ao que Anderson define como “unissonância” (Anderson, 1991: 145) apontando para um particular género de comunidade sugerida, por exemplo, pela língua (Anderson, 1991: 145).¹¹ No entanto, é na cisão que marca a condição do narrador e do seu relato que a narrativa nacional se torna disjuntiva, não sincrónica e fragmentária, produzida por um narrador não exemplar mas subjetivo, apontando para uma desorientação que caracteriza não apenas o narrado, mas também o vivido (Benjamin, 1997) e abrindo para aquilo que Homi Bhabha define como diferença cultural (1994).

A sofisticação conceptual que marca a reflexão produzida por Bhabha – o que Benita Parry define como “exorbitação do discurso” (1987: 43) – pretende, em rigor, definir uma dimensão diferencial da temporalidade pós-colonial – e dos seus desdobramentos num plano cultural – desembocando numa reflexão que convoca, por

¹¹ Contudo, ainda segundo a leitura de Bhabha, a reflexão de Anderson “não dá conta do tempo alienante do signo arbitrário no espaço naturalizado e nacionalizado da comunidade imaginada” (Bhabha, 1994), não incorporando a profunda ambivalência da narração moderna apontada por Walter Benjamin, da qual a reflexão teórica proposta por Anderson é, em rigor, tributária.

exemplo, alguns dos paradigmas críticos centrais do materialismo histórico formulado por Walter Benjamin. Todavia, a leitura pós-colonial da teorização de Benjamin é articulada numa perspetivação linguística, conceptual e discursiva que configura a alteridade da nação pós-colonial como elemento matricial na definição de um tempo qualitativamente diferente à margem do tempo da modernidade. Aliás, esta especificidade temporal, definida na perspetiva pós-colonial através dos conceitos que marcam a reflexão histórica de matriz marxista – tais como o de tempo descontínuo e não sincrónico, entre outros –, tornam-se centrais para o surgir de uma dimensão alternativa do conceito de modernidade, configurando o tempo pós-colonial em torno do corolário do outro e da diferença, e destacando a ambivalência (Bhabha, 1990, 1994) como paradigma conceptual para pensar a temporalidade da nação pós-colonial. É numa perspetiva similar que se poderá entender o surgir de um conjunto de articulações em torno do conceito de modernidade – contramodernidade, modernidade alternativa, entre muitos outros (Gilroy, 1993; García Canclini, 1997; Appadurai, 1996; Dussel, 1998; Mignolo, 2000) – que marcam o pensamento crítico pós-colonial em diferentes contextos geográficos e institucionais, cujas solicitações teóricas e conceptuais se tornam significativas para pensar a nação – política e literária – no que vem sendo definido como pós-colonialidade. A este propósito, no que concerne à dimensão espaciotemporal específica do Oceano Índico, de acordo com o que afirma Isabel Hofmeyr:

we need to think of the Indian Ocean as the site par excellence of alternative modernities; those formations of modernity that have taken shape in an archive of deep and layered existing social and intellectual traditions. [...] Understanding political discourse and action, then, becomes a task of understanding a complex layered pre-colonial, colonial and postcolonial archive in which versions of modernity are negotiated in an ever-shifting set of idioms around tradition. (Hofmeyr, 2007: 13-14)

Ora, dentro desta perspetiva conceitual e estética, é possível observar a obra literária de autores como: A. A. Waberi, Nurrudin Farah, Abdulrazak Gurnah, M.G. Vassanji e João Paulo Borges Coelho,¹² cujas escritas literárias se situam numa perspetiva crítica e conceitual onde a escrita da história se torna central, apontando para itinerários de análise de matriz comparativa que são facultados, em primeiro

¹² Para as leituras comparativas que convocam um corpus significativo de escritores das Literaturas Africanas contemporâneas e reflexões críticas em torno do paradigma estético e conceitual do Índico, veja-se Garcia et al. (2010); Gupta et al. (2010).

lugar, por uma operacionalização do paradigma do Índico, na sua dimensão temática específica, bem como no que diz respeito às categorias críticas através das quais é possível ler e situar as escritas literárias africanas contemporâneas.

Por detrás de tantos nomes e tantos cruzamentos,
de tanta diversidade, é sempre o mesmo, o mar.

João Paulo Borges Coelho (2005a: 10)

Na impossibilidade de me deter numa análise detalhada destas escritas, merece contudo salientar que as obras destes autores, todas especialmente inscritas no Índico Ocidental (Alpers, 2009), correspondem ao género do romance histórico, configurando o Oceano Índico não tanto como um constructo comunitário imaginado mas, sim, como uma “geografia transnacional do imaginário” (Ghosh e Muecke, 2007). Para além disso, é sobretudo no que concerne à “imaginação histórica” (White, 1975) que o Índico sobressai nas escritas destes autores como um território simbólico e conceptual onde a articulação entre tempo, narrativa e nação é caracterizada por uma dimensão descontínua e fragmentária – encarando história e representação na perspectiva daquilo que Homi Bhabha define como dissemi-nação (1990, 1994), isto é, um relato que não organiza mas apenas dá conta da desorientação do narrado e do vivido (Benjamin, 1997). Esta dimensão liminal e fragmentária que caracteriza a representação e a narração histórica no Oceano Índico sugere uma relação entre escrita e narrativa que não é regida pela urgência de uma organização do tempo passado e presente na perspectiva de uma grande narrativa, mas, sim, por uma modalidade de interrogação do passado e da história através daquilo que Walter Benjamin define como citação e estranhamento, encarando a evocação do passado através não tanto da sua tradutibilidade mas, sim, na possibilidade da sua citação, e salientando o carácter fragmentário e estranho da citação como o elemento crucial para resgatar o passado – isto é, a tradição – “do conformismo que, em cada época, está prestes a subjugar-lo” (Benjamin, 1997: 27).

Por conseguinte, tendo em conta a urgência de reequacionar a relação entre passado e presente que as escritas do Índico parecem indicar, surge uma constelação conceitual que convoca categorias críticas significativas e específicas, tais como a do rasto e do indício (Ginzburg, 1986), sugerindo, deste modo, uma articulação entre história, memória e experiência, onde a memória se torna, citando Paulo Ricoeur, indispensável “para significar o carácter passado daquilo de que nos lembramos”

(Ricoeur, 2003). A este propósito, nas obras destes autores, a utilização de fontes históricas de natureza privada – entre as quais se destacam, por exemplo, diários, cartas e memórias – constitui um elemento narrativo e estético central na construção destes romances, estabelecendo uma articulação entre história e subjetividade que se torna central para uma abordagem destas representações. Aliás, é pela relação entre memória e narrativa – tempo e narração – que a representação literária destes autores pode ser encarada como uma prática de representação onde o tempo vivido e narrado é “indício de uma realidade oculta” (Ginzburg, 1986). A articulação desta perspetiva crítica torna-se particularmente relevante uma vez que é pensada a partir das dimensões de subversão de hegemonias e eurocentrismos que caracteriza o espaço/tempo do Índico, apontando para um processo de recuperação – *re-inscrição* ou, melhor, citação – do tempo perdido do indivíduo que indicia pistas e enredos alternativos e indispensáveis para “reconstituir o vivido” e “indagar as estruturas invisíveis dentro das quais aquele vivido se articula” (Ginzburg, 1989: 177-178).

Em romances como *Uhuru Street* (1990), *The Book of Secrets* (1996) e *The In-between world of Vikram Lall* (2004), de M.G. Vassanji; *Paradise* (1994) e *By The Sea* (2002), de Abdulrazak Gurnah; *Balbala* (1997) e *Transit* (2003), de Abdourahman Waberi; *Maps* (1986), *Links* (2003) e *Knots* (2007) de Nuruddin Farah; *Índicos Índicios* (2005a, 2005b), *Crónica da rua 513.2* (2006) e *O olho de Hertzog* (2010), de João Paulo Borges Coelho, entre muitos outros, a relação entre História e representação explicita-se por via de um conjunto de estratégias narrativas e estéticas que, apontam para conceitos e epistemologias que correspondem àquilo que Carlo Ginzburg define como paradigma indiciário (1986), oferecendo a possibilidade de definir a narração histórica no espaço-tempo do Oceano Índico como romance indiciário. É por via desta perspetiva crítica e conceptual que o(s) discurso(s) histórico(s) e sobre a H/história produzidos por estes autores do Índico Ocidental podem ser lidos, encarando as diferentes modalidades e estratégias metanarrativas que configuram estes romances como práticas estéticas que não apenas ilustram ideias políticas ou filosóficas mas, citando Néstor García Canclini, na perspetiva de “experiências epistemológicas que renovam as formas de perguntar, traduzir e trabalhar com o ingovernável ou o surpreendente” (2012: 50), ensaiando respostas às perguntas que marcam o espaço e o tempo do mundo contemporâneo, pois, ainda segundo Canclini, “um mundo acaba não só quando é preciso arquivar as respostas, mas também quando as perguntas que as originaram perdem sentido” (ibidem: 46).

Para além disso, na impossibilidade de ilustrar a complexidade que pauta estas escritas literárias no que concerne à relação entre história e representação no espaço-tempo do Índico, gostaria de concluir esta minha reflexão salientando mais uma vez o

poder epistemológico e conceitual desta abordagem comparativa transnacional para ler e situar os imaginários contemporâneos africanos, procurando, deste modo, encarar a literatura como uma prática de produção de um conhecimento indispensável para compreender os desafios que marcam o tempo, passado e presente, e apontando para cartografias críticas alternativas e, todavia, inéditas. No que diz respeito às chamadas Literaturas Africanas, este desdobramento crítico e conceptual torna-se particularmente interessante na medida em que permite analisar pelo menos duas questões matriciais. Por um lado, o Índico como tema e motivo nas representações literárias que se inscrevem neste espaço-tempo, observando de que forma diferentes narrativas – escritas, visuais e culturais – definem e (re)presentam este espaço transnacional e os seus significados em contraponto com os contextos nacionais em que habitualmente são situados. Por outro lado, o Índico configura-se como um paradigma conceptual e analítico transnacional que redefine a relação entre espaço e tempo, apontando para itinerários comparativos pautados por diálogos entre escritas e representações diversificadas que surgem através do Oceano Índico, e proporcionando, deste modo, o aparecimento e a consolidação de contrapontos e cartografias literárias para a análise de um corpus significativo das chamadas Literaturas Africanas, ou, melhor, daquelas que poderiam ser definidas como Literaturas do Índico Africano. Será porventura nesta geografia transnacional do Oceano Índico que novas perguntas poderão surgir para interrogar o significado do tempo – a história – e do espaço – a nação – em busca de relatos capazes de traduzir novas conjecturas do imaginário e novas epistemologias (Spivak, 2008), redefinindo "a tarefa ético-política das humanidades na reorientação do desejo" (ibidem).

Revisto por Victor Ferreira

ELENA BRUGIONI

Departamento de Teoria Literária, Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, UNICAMP
Cidade Universitária Zeferino Vaz, Barão Geraldo
Rua Sérgio Buarque de Holanda, n. 571, CEP 13083-859 - Campinas - SP - Brasil
Contacto: elena@iel.unicamp.br

Artigo recebido a 09.12.2015

Aprovado para publicação 23.09.2016

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Alpers, Edward (2009), *East Africa and the Indian Ocean*. Princeton: Markus Wiener Publishers.
- Anderson, Benedict (1991), *Imagined Communities: Reflections on the Origin and Spread of Nationalism*. London: Verso.
- Appadurai, Arjun (1996), *Modernity at Large: Cultural Dimensions of Globalization*. Minneapolis, MN: University of Minnesota Press.
- Appiah, Antony K. (1991), "Is the Post- in Postmodernism the Post- in Postcolonial?", *Critical Inquiry*, 17(2), 336-357. DOI: <https://doi.org/10.1086/448586>.
- Balandier, George (1951), "La situation coloniale: Approche théorique", *Cahiers internationaux de sociologie*, 11(51), 44-79. URL: <http://www.jstor.org/stable/40688785>.
- Balandier, George (2007), "Préface", in Marie-Claude Smouts (org.), *La situation Postcoloniale*. Paris: Presses de Sciences Po.
- Barthes, Roland (1988), *Il brusio della lingua*. Torino: Einaudi.
- Benjamin, Walter (1997), *Sul concetto di storia*. Torino: Einaudi.
- Bhabha, Homi K. (1990), *Nation and Narration*. London: Routledge.
- Bhabha, Homi K. (1994), *The Location of Culture*. London: Routledge.
- Borges Coelho, João Paulo (2005a), *Índicos indícios I – Setentrião*. Lisboa: Caminho.
- Borges Coelho, João Paulo (2005b), *Índicos indícios II – Meridião*. Lisboa: Caminho.
- Borges Coelho, João Paulo (2006), *Crónica da rua 513.2*. Lisboa: Caminho.
- Borges Coelho, João Paulo (2010), *O olho de Hertzog*. Alfragide: Leya.
- Bourdieu, Pierre (1993), *The Field of Cultural Production: Essays in Art and Literature*. New York: Columbia University Press.
- Braudel, Fernand (1972), *The Mediterranean and the Mediterranean World in the Age of Philip II*, Volume II. London: Harper & Row.
- Brugioni, Elena (2015), "Por detrás de tantos nomes, o mar. Moçambique e o Oceano Índico: discursos, imaginários e representações", *Via Atlântica*, 27, 93-110. DOI: <https://doi.org/10.11606/va.v0i27.99139>.
- Chakrabarty, Dipesh (2000), *Provincializing Europe. Postcolonial Thought and Historical Difference*. Princeton: Princeton University Press.
- Chatterjee, Partha (1993) *The Nation and its Fragments: Colonial and Postcolonial Histories*. Princeton: Princeton University Press.
- Deleuze, Gill; Guattari, Felix (1996), *Kafka. Per una letteratura minore*. Macerata: Quodlibet.
- Dussel, Enrique (1998), "Beyond Eurocentrism: The World-system and the Limits of Modernity", in Fredric Jameson; Masao Miyoshi (orgs.), *The Cultures of Globalization*. Durham, NC: Duke University Press, 3-31.
- Farah, Nuruddin (1986), *Maps*. London: Picador.
- Farah, Nuruddin (2003), *Links*. New York: Riverhead Books.
- Farah, Nuruddin (2007), *Knots*. New York: Riverhead Books.
- Fukuyama, Francis (1992), *The End of History and the Last Man*. Harmondsworth, UK: Penguin.

- Garcia, Mar; Hand, Felicity; Can, Nazir (orgs.) (2010), *Indicities/Indices/Índicios. Hybridations problématiques dans les littératures de l'Océan Indien*. Ille-sur-Têt: Édition K'A.
- García Canclini, Néstor (1997), *Culturas híbridas – Estratégias para entrar e sair da modernidade*. São Paulo: EDUSP.
- García Canclini, Néstor (2012), *A sociedade sem relato. Antropologia e estética da iminência*. São Paulo: EDUSP.
- Ghosh, Devleena; Muecke, Stephen (eds.) (2007), *Cultures of Trade: Indian Ocean Exchanges*. Newcastle: Cambridge Scholars Publishing.
- Gilroy, Paul (1993), *The Black Atlantic. Modernity and Double Consciousness*. Cambridge, MA: Harvard University Press.
- Ginzburg, Carlo (1986), *Miti emblemici. Morfologia e storia*. Torino: Einaudi.
- Ginzburg, Carlo (1989), *A micro-história e outros ensaios*. Lisboa: Difel.
- Groot, Jerome de (2010), *The Historical Novel*. New York: Routledge.
- Gupta, Pamila; Hofmeyr, Isabel; Pearson, Michael (orgs.) (2010), *Eyes Across the Water. Navigating the Indian Ocean*. Pretoria: Unisa Press.
- Gurnah, Abdulrazak (1994), *Paradise*. London: Penguin Books.
- Gurnah, Abdulrazak (2002), *By the Sea*. London: Bloomsbury.
- Hall, Stuart (1990), "Cultural Identity and Diaspora", in J. Rutherford (ed.), *Identity, Community Culture, Difference*. London: Lawrence and Wishart, 222-223.
- Hitchcock, Peter (2010), *The Long Space. Transnationalism and Postcolonial Form*. Stanford, CA: Stanford University Press.
- Hofmeyr, Isabel (2007), "The Black Atlantic meets The Indian Ocean: Forging New Paradigms for transnationalism for the Global South. Literary and Cultural Perspectives", *Social Dynamics: A Journal of African Studies*, 33(2), 3-32. DOI: <https://doi.org/10.1080/02533950708628759>.
- Huggan, Graham (2001), *The Postcolonial Exotic. Marketing the Margins*. London: Routledge.
- Hutcheon, Linda (1998), *A Poetics of Postmodernism*. London: Routledge.
- Jameson, Fredric (1986), "Third-World Literature in the Era of Multinational Capitalism", *Social Text*, 15, 65-88. DOI: <https://doi.org/10.2307/466493>.
- Joyce, James (1961), *Ulysses*. New York: Random House.
- Koselleck, Reinhart (1996), *Futuro passato. Per una semantica dei temi storici*. Genova: Marietti.
- Lionnet, Françoise; Shih, Shu-mei (2005), *Minor Transnationalism*. Durham, NC: Duke University Press.
- Lukács, Georgy (1962), *The Historical Novel*. London: Merlin.
- Lyotard, Jean-François (1984), *The Postmodern Condition: A Report on Knowledge*. Manchester: Manchester University Press.
- Mignolo, Walter (2000), *Local Histories/Global Designs: Coloniality, Subaltern Knowledges, and Border Thinking*. Princeton, NJ: Princeton University Press.

- Mudimbe, Valentim (1988), *The Invention of Africa: Gnosis, Philosophy and the Order of Knowledge*. Bloomington: Indiana University Press.
- Parry, Benita (1987), "Problems in Current Theory of Colonial Discourse", *Oxford Literary Review*, 9(1-2), 27-58.
- Parry, Benita (2004), "The Institutionalization of Postcolonial Studies", in Neil Lazarus (ed.), *The Cambridge Companion to Postcolonial Literary Studies*. Cambridge: Cambridge University Press, 66-80. DOI: <https://doi.org/10.1017/CCOL0521826942.004>.
- Pearson, Michael (2010) "Preface", in Moorthy, Shanti & Jamal, Ashraf (eds.) (2010), *Indian Ocean Studies: Cultural, Social, and Political Perspectives*. New York: Routledge, xv-xvii.
- Ricoeur, Paul (2003), *La memoria, la storia, l'oblio*. Milano: Raffaello Cortina.
- Said, Edward W. (1993), *Culture and Imperialism*. New York: Vintage Books.
- Said, Edward W. (2004), *Humanism and Democratic Criticism*. New York: Palgrave.
- Sanches, Manuela Ribeiro (2007), "Reading the Postcolonial: History, Anthropology, Literature and Art in a 'Lusophone Context'", in Paulo Medeiros (ed.), *Postcolonial Theory and Lusophone Literatures*. Utrecht: Portuguese Studies Centre, 29-148.
- Spivak, Gayatri Chakravorty (1985), "The Rani of Sirmur", in Francis Barker et al (eds.), *Europe and its Others*. Colchester, UK: University of Essex Press, 128-151.
- Spivak, Gayatri Chakravorty (1991), "Theory in the Margin: Coetzee's Foe Reading Defoe's *Crusoe/Roxana*", in John Arac; Barbara Johnson (orgs.), *Consequences of Theory*. Baltimore: John Hopkins University Press, 154-180.
- Spivak, Gayatri Chakravorty (2003), *Death of a Discipline*. New York: Columbia University Press.
- Spivak, Gayatri Chakravorty (2008), *Other Asias*. Oxford: Blackwell.
- Vassanji, M.G. (1990), *Uhuru Street*. Oxford: Heinmann.
- Vassanji, M.G. (1996), *The Book of Secrets*. London: Picador.
- Vassanji, M.G. (2004), *The In-between World of Vikram Lall*. London: Canongate.
- Waberi, Abdourahman A. (1997), *Balbala*. Paris: Gallimard.
- Waberi, Abdourahman A. (2003), *Transit*. Paris: Gallimard.
- Waugh, Patricia (1984), *Metafiction. The Theory and Practice of Self-conscious Fiction*. London: Routledge.
- White, Hayden (1975), *Metahistory: The Historical Imagination in Nineteenth-Century Europe*. Baltimore: Johns Hopkins University Press.
- Wieviorka, Annette (1998), *L'Ère du témoin*. Paris: Plon.
- Young, Robert (1990), *White Mythologies. Writing History and the West*. London: Routledge.